



## ***O percurso de formação do homem e os valores humanistas na construção do protagonista responsável: os cinco deveres existenciais***

*Josemar Soares<sup>1</sup>*

Vamos partir dessa premissa: “o ser humano nasce e tem um tempo”. Então nós nascemos como humanos e temos em torno de 100 anos para nos entender, entender a sociedade, construir um projeto, e na medida em que vamos construindo esse projeto, ele vai desenvolvendo, vai aflorando. Fazendo tudo isso, construímos uma experiência de existir que pode ser um grande prazer. Então a temática “humanismo e pedagogia” é central na vida de cada pessoa para dar conta de uma condição ontológica. Todos nós temos essa condição, ninguém escapa.

Nós estamos aqui tentando nos desenvolver porque queremos viver uma vida melhor, e aqueles que são professores, por exemplo, os professores de educação infantil têm um tipo de responsabilidade para com as crianças e um tipo de senso – cuidar daquele ser que está ali na sua primeira infância tentando entender a vida. Então a responsabilidade do professor que entra na sala de aula é poder fazer daquela vida um futuro de valor para ela, para a comunidade, para a humanidade.

De fato, estamos aqui primeiro porque somos seres que precisam viver e não podem viver de qualquer modo. “Ah, podem!”. Não, de acordo com a vida, não podem. Então o primeiro contexto, a primeira premissa, é que nós temos uma existência e dessa existência temos que nos dar conta. É uma questão em primeira pessoa, e isso também é importante: da minha existência, a pessoa mais responsável em conduzir sou eu.

Existencialmente nós não podemos terceirizar isso, podemos? Na Idade Moderna, em torno de mil e quatrocentos, começa uma grande discussão: “eu vou passar o meu direito de cuidar de mim para o estado e então o estado cuida de mim, mas não vou passar só um pouco, vou passar tudo”. Então começou essa grande confusão de terceirizar a ideia de condução da própria existência.

O que podemos observar atualmente é que a nossa sociedade está muito doente. Não gostamos de falar sobre esse assunto, gostamos de falar sobre criatividade, sobre projeto, sobre realização, sobre aprimoramento do humano, mas nós precisamos nos dar conta, e este seminário existe porque nós temos um problema sério social. Os dados das instituições de nível internacional são o seguinte: nós temos setecentos milhões de pessoas comprometidas com problemas neurológicos ou psiquiátricos (é muita gente no mundo). No Brasil, vinte e três milhões de pessoas já foram identificadas com sérios problemas neurológicos e psiquiátricos. Nós não estamos nem falando em pessoas com problemas existenciais, falamos de pessoas que estão com muita dificuldade de conduzir a sua vida.

E nós, pensando agora como humanos, porque vamos continuar com um tipo de formação que leva as pessoas a esse grau de dificuldade, de ter que tomar remédio para dormir,

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Ciências jurídicas pela Universidade do Vale do Itajaí e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria.

remédio para acordar, remédio para ficar vivo, porque não conseguem resolver os seus problemas? Por vezes são problemas muito simples, mas está faltando uma racionalidade que dê conta de conduzir bem a existência humana, está faltando uma racionalidade que ajude o indivíduo a fazer duas coisas: entender o que está acontecendo agora, uma questão epistemológica, ou seja, entender o que é real aqui e o que é real na relação comigo, de desenvolvimento, aprimoramento; a segunda questão é verificar nessa realidade: qual é a melhor ação? A melhor opção, não a boa!

Nós, brasileiros, temos um hábito de falar “tá bom”, mas os italianos usam muito a palavra *otimale*, “*questo é ottimale!*”. Traz a ideia de ótimo, excelente, e nós hoje, no nosso vocabulário, no nosso cotidiano, observamos as pessoas dizerem “mas está bom”.

Na área da educação eu sou professor em uma universidade onde a média é 6, mas se o indivíduo tirar 5,75, ele passa, porque arredonda para 6 e ele passa, e ele diz assim: “tá bom, passei!”. Mas a nossa condição de desenvolvimento humano pede 10, a vida pede 10. Se você vai comer, você pega um prato de comida que está 6? Você quer o que está 10! E isso diz respeito a todas as escolhas: que roupa usar, como se comportar, como utilizar os modelos sociais etc. Enfim, a vida quer 10. Mas se não cuidarmos, as instituições e a cultura estarão nos educando e nos preparando para o 6; vai existir um *gap*, a vida vai reclamar e o indivíduo vai ter que se adaptar e não terá uma existência de valor.

Então temos um contexto social onde as pessoas estão com muita dificuldade de conduzir de modo adequado a sua existência, ou seja, temos algumas incompetências de condução da própria vida. Antes de criticarmos as instituições, nós temos que começar a fazer uma séria análise do quanto nós estamos preparados e somos competentes na condução da própria existência.

Diante disso, o que podemos observar nesse nosso período, principalmente depois do século passado, é que houve um tipo de pedagogia, um tipo de formação que produziu uma sociedade que tem uma grande dificuldade de resolução de conflitos. Então, uma coisa muito importante na minha carreira de professor, principalmente quando eu comecei a dar aula, foi quando eu dava sessenta e oito horas de aula, eu dava aula manhã, tarde e noite, manhã tarde e noite e no sábado até as 17h30min, chegou um momento que era o meu modo de sobrevivência, era um jeito de ganhar a vida. Vindo de uma família extremamente pobre, eu disse “vou ter que ganhar a vida com isso aqui e vou ter que aprender a fazer, vou ter que ser muito bom nesse negócio”, e uma das coisas que eu precisava aprender era a relação interpessoal, ou seja, eu precisava aprender a me relacionar com aqueles alunos, tendo em vista a realidade deles. Para isso, a primeira coisa que eu precisava saber era “qual o meu papel diante dessas pessoas”. O meu papel diante dessas pessoas é o aprimoramento do potencial delas, então esse era o meu princípio, não era ser amado ou ser aceito.

Então, o que podemos observar? Que nas carreiras (em todas elas) existem questões muito simples que nos tiram a inteligência e precisamos começar a observar o que retira a nossa inteligência. De vez em quando falamos “eu nem me reconheço”. Então, contemporaneamente, não temos mais uma boa noção de nós mesmos para verificar quando que eu estou mais íntegro,

mais inteligente. Então, sou eu quem sai do sério, não é o aluno que me tira do sério, ou seja, eu, se eu penso de modo protagonista responsável.

O que podemos observar é que no final do século XX, início do século XXI, fizemos um certo tipo de formação que produz indivíduos mais frágeis na capacidade de resolver problemas. Diante de um problema, responsabilizam o outro. Então o que acontece? Nós, às vezes, fazemos uma excelente formação acadêmica, excelente, mas não significa que nos desenvolvemos como pessoa nas várias dimensões da vida. Formamos pessoas frágeis que estão com um nível de narcisismo muito grande; “tem que ser do meu jeito”, “tem que ser de acordo com o que eu quero”. Fora disso as pessoas chegam a ficar psicóticas, ou seja, o mundo não existe se não é na medida da satisfação dos seus desejos infantis, por que a satisfação dos nossos desejos é uma condição existencial de evolução, de prazer inclusive. Precisamos disso, mas de modo infantil o indivíduo tem algumas vaidades, alguns caprichos e se não é atendido ele agride, ele mata, ele destrói.

Então criamos uma pedagogia, e quando falo pedagogia tem a ver com modo de formação da comunidade humana, que fez com que as pessoas se tornassem altamente narcisistas e com grau inclusive de psicose. Ou seja, nós não conseguimos mais olhar as outras pessoas como um fruto da vida, que precisa se desenvolver existencialmente. Não enxergamos mais isso nas outras pessoas. Elas só existem com a finalidade de matar um tipo de sede infantil que eu tenho, e esse tipo de situação fez com que os indivíduos não tenham mais uma responsabilidade de condução da sua própria vida com valor, muito menos da sociedade. A análise fica assim: a sociedade civil tem que melhorar, porque uma sociedade civil quando melhora, melhora o estado, melhoram as instituições. A este ponto, as discussões de aprimoramento social, de desenvolvimento da sociedade, de mudança, se tornam todas abstratas: “o Estado”, “a Justiça”, “as Instituições”. Nunca tem o indivíduo por trás delas. É sempre no abstrato: “a família precisa melhorar, a escola precisa melhorar, a instituição, as empresas etc”.

Mas a solução está na pessoa, porque uma pessoa entra na instituição. Uma pessoa abre uma porta e faz civilização para tantas e tantas gerações, uma pessoa chega numa escola caindo aos pedaços, mobiliza a comunidade, chama os pais, vai até o prefeito, fala com o secretário, chora para o vereador, fala com os outros professores, e daqui a pouco a escola, uma por meio de uma diretora num discurso diz “tudo bem, tudo é muito legal, mas nós precisamos da estrada de lá até aqui, sem a estrada vai ficar tudo muito difícil”. Uma pessoa!

Nós precisamos começar a ser mais inteligentes, isso é inteligência. Diminuir a ignorância e parar de responsabilizar essas palavras por solucionar a nossa vida e a sociedade. Essas palavras não vão salvar a nossa existência, esse é o primeiro ponto. Estas palavras “Estado”, “Família”, “Sociedade Civil”, “Constituição”, “Direito”, “Leis”, “Educação”, essas palavras precisam começar a ficar claras nos seus conceitos e no seu termo. A pessoa que se desenvolve pode, por meio das instituições, fazer protagonismo responsável, civilização e história.

E agora vamos começar a tratar de desenvolver essa pessoa. O que precisa para desenvolver as pessoas? Vamos falar de desenvolvimento, mas não é que esse assunto começou hoje, tudo já

começou faz tempo. Logo que comecei a Faculdade chegou um momento em que eu disse: “vamos fazer um grupo de estudos, pois sou muito ignorante. Já estudei um pouco, mas eu preciso estudar mais” e nós, professores, precisamos estar sempre estudando, empresários precisam sempre estar estudando, ou seja, o humano não pode parar e uma das coisas que nós, humanos, não podemos parar de estudar é sobre o humano. Não somos cadeira, precisamos entender sobre o humano porque a nossa tecnologia é muito rica. Indico a obra “Paideia: a formação do homem integral”. O autor, Werner Jaeger, se dedicava a estudar a paideia cristã, o modo de formação do humano cristão. Depois, “Filosofia Ontopsicológica”, de Antonio Meneghetti, que abre o argumento sobre essa alta teologia cristã, como pode servir ao humano de modo valioso, e já serviu tanto e que pode servir ainda. Então o Jaeger se pergunta: como é que se formam as pessoas no cristianismo, que faz com que as pessoas voltem a um nível de integridade, a um nível de sanidade de condução da existência? Começou a estudar isso e chegou à cultura grega. Os gregos fizeram muito bem isso e o cristianismo bebeu desses fundamentos da cultura grega. Ele escreve essa obra analisando o modo de formação grega, que era a formação integral do humano. O argumento fica colocado do seguinte modo: a sociedade é o mais importante e nós, que somos os humanos desse planeta todo, devemos agir para que essa sociedade seja uma oportunidade, um bem existencial.

A cidade deveria ser um bem existencial, ou seja, o indivíduo chegava à cidade e potencializava a sua vida. Hoje a cidade perdeu esse ponto, ela é um bem arquitetônico, histórico. Mas não é que é um bem, muitos saem da cidade para vir para o Recanto<sup>2</sup> para poder ter esse princípio. Enfim, a cidade, a metrópole, foi criada para ser um bem existencial e deixou de ser. A cultura e a sociedade precisam ser um bem existencial, nós só precisamos resgatar. Elas têm de potencializar a nossa condição de existir. Então, se temos a ideia de que a sociedade precisa ser um bem, ela vai ter uma organização, ela vai ter atividades, ela vai ter espaço para tantas pessoas trabalharem e viverem.

No capítulo II de “A República”, Platão diz o seguinte: “a sociedade é o mais importante, mas ela só acontece, exatamente, se formar o indivíduo, se tiver um projeto pedagógico de formação do indivíduo desde a infância”. A palavra mais importante da cultura grega não é democracia, óbvio que não, democracia é uma condição que aparece depois, a palavra mais importante da cultura grega é *areté*. O que é *areté*? É uma atitude à excelência existencial, é uma atitude de realizar a minha existência ao estético. Sobre isso, no livro Projeto Homem<sup>3</sup>, há o capítulo “A estética como ética”. Para os gregos o ápice da ética é a estética. Cada um de nós hoje se arrumou, se perfumou, colocou uma blusa bonita, um casaco bonito, porque queremos nos apresentar de um modo belo e essa característica teria que ter também relação aos pensamentos, aos desejos, às emoções, ao modo de nos relacionarmos com o ambiente em que vivemos, ao corpo.

A *areté* é uma atitude de excelência existencial, não é algo moral porque o Estado vai cobrar; não é algo intelectual, é necessário fazer. Então esse projeto baseado na *areté*, pode formar

<sup>2</sup> Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS, Brasil.

<sup>3</sup> MENEGHETTI, A. *O Projeto Homem*. ([www.ontopsicologia.com.br](http://www.ontopsicologia.com.br))

um cidadão. Qual é a ideia de cidadania grega? É uma questão de prontidão. Cidadania na Grécia era isso: eu estou pronto para colaborar, estou pronto porque é uma condição existencial. Para viver em comunidade eu tenho que estar pronto para servir à comunidade, para ajudar se desenvolver. Por que posso fazê-lo? Porque eu conduzo bem a minha existência nas duas dimensões: espiritual – para os gregos a palavra espírito não é essa ideia religiosa medieval, é antes, ou seja, é algo que dá estímulo, que ajuda a entender, que ajuda a levar para frente – e saúde orgânica. Para os gregos existe uma pedagogia que serve à comunidade e se diz para o indivíduo: “se prepara nestes pontos porque em sociedade você será exigido e então vai estar capaz de protagonizar”.

Então tinha uma pedagogia que chegava até as pessoas por meio das imagens, das orações, da bíblia e dava um tipo de pedagogia para as pessoas se manterem íntegras, para conseguir trazer a sociedade até onde chegou hoje. Indicava aos indivíduos a presença de uma parte que é pura ordem, é pura beleza, é pura criatividade, ou seja, que todo o universo é beleza, ordem e criatividade. Em suma, tem uma parte da Teologia que é fantástica em termos de pedagogia social. Ela diz que temos uma parte que é divina, a qual devemos procurar, e existe uma parte confusa a qual deve-se prestar atenção. É uma pedagogia inteligente, muito inteligente e, claro, bem conduzida, trouxe a comunidade. Olha a arquitetura que foi feita, as obras de arte, quantos humanos que tiveram saúde emocional por causa dessa pedagogia.

Chegamos até o Renascimento, ao homem cosmoteândrico, de novo o valor do humano. Tivemos ali de novo uma nova pedagogia para valorizar o humano, a inteligência humana, o desenvolvimento humano, todo o movimento nessa perspectiva.

Logo após, chegamos à Revolução Francesa, na qual nós temos o ápice da busca dos direitos do indivíduo por intermédio das instituições e fizemos um movimento de quinhentos anos, até o século XX, com toda essa ideia de constitucionalismo, agora neoconstitucionalismo, e criamos uma crença de que, se nós conseguirmos direitos externos e por meio das instituições, resolveremos a nossa vida. Então, em quinhentos anos foi se construindo uma crença de que os direitos e a ordem pública vão se organizar, a existência vai estar resolvida e nós nos fragilizamos no desenvolvimento pessoal; fizemos toda uma luta para aprimorar as constituições – hoje nós estamos falando em transconstitucionalidade, uma única Constituição – e ficamos frágeis na condução do desenvolvimento pessoal.

Tendo em vista isso, nós apontamos a importância do indivíduo que se dedicou tanto à construção de direitos. E agora, ao construir deveres, identificamos cinco deveres existenciais.

O primeiro é o dever biológico natural, ou seja, nós não podemos negligenciar esse dever, nós somos tecido orgânico, corpo. Precisamos entender isso e dar uma resposta, seja na alimentação, seja no esporte. O nosso organismo é um critério de inteligência que devemos prestar atenção e ter como um ponto de referência. Então, tem um dever de compreender como funciona o nosso organismo, que tem funções precisas. O primeiro dever, então, é com o corpo e com a questão biológica.

O segundo é o dever moral, pois vivo em uma comunidade que possui algumas regras, e eu preciso saber lidar com elas, preciso ter um grau de adaptação e de evolução. Na obra

“Manual de Ontopsicologia”<sup>4</sup>, tem uma passagem muito interessante sobre a questão moral, ou seja, nós como pessoas, como entes históricos, precisamos ter um grau de adaptação ao ambiente e entendê-lo, respeitá-lo de modo diplomático, para aprimorar aquele lugar. Nós já chegamos às vezes querendo bater e transformar tudo sem nem entender como as coisas estão. Então existe um dever existencial, de chegar aos lugares e entender, fazer um grau de adaptação meu para poder a vida avançar.

Terceiro é o dever jurídico. As ordens jurídicas já estão estabelecidas, os sistemas já estão organizados, eu preciso entendê-los e colocá-los a favor do humano, esse é um dever meu. Não posso esperar que as instituições o façam, eu tenho que entender e, inclusive, ressignificar, porque algumas normas podem ser ressignificadas ou mudadas, e eu preciso entender como fazer isso.

Quarto é o dever profissional e econômico. Se eu quero, nessa existência, noventa, cem anos, protagonizar alguma coisa, fazer dela um valor, eu preciso trabalhar, eu preciso gerar uma economia para ter a minha liberdade, para isso existe uma necessidade. O desenvolvimento das competências profissionais é um dever subjetivo, as instituições podem te ajudar, mas isso é um dever existencial. Em um dever profissional e econômico, não basta trabalhar, eu tenho que organizar isso de um modo que dê as condições para que a minha existência tenha uma economia. Hoje o que vemos? As pessoas endividadas, desorganizadas financeiramente. Este é um dever de condução profissional: qualidade, produtividade, agilidade, satisfação do cliente. Não adianta fugirmos disso. Esses não são conceitos capitalistas, é um conceito da vida.

Temos que nos preparar para ter competência profissional e não é por causa das empresas, nem por causa do salário, é por uma questão existencial. Quem não entra nessa lógica só vive cheio de confusão, cheio de problema. Esse tem que ser um dever existencial que depois eu uso onde eu quiser, uso nessa empresa, naquela, nessa instituição, com aquele cliente, onde eu quiser da minha existência, mas é um dever existencial.

O último, muito importante, chamamos de dever ôntico e com isso eu chego ao final dessa conferência: a vida. Podemos chamar de vida, de Deus, de Ser, ela tem uma ordem que é muito mais inteligente do que a nossa consciência, muito mais. Quando fazemos um pouco de confusão, devemos nos acalmar um pouco, a vida vem e resolve o assunto, a vida tem um tipo de inteligência.

Infelizmente, muitos de nós não estamos conversando com ela, porque precisa-se de um nível de integridade, um tipo de cultivo para poder conversar com a vida, mas quem conversa recebe as passagens precisas: se você as faz, tem a realização, se não as faz, vem a frustração. Então o dever ôntico é esse, a vida falando e você, de modo preciso, escutando e agindo, porque a vida é ação, com isso nós atendemos o dever ôntico. Poderíamos falar tanto sobre isso, mas é necessária uma pedagogia para aprender a escutar a vida e nós, às vezes, escutamos o professor, as instituições e não escutamos a vida que grita dentro de nós. Uma doença, às vezes, é um grito da vida, por exemplo.

<sup>4</sup> MENEGHETTI, A. Manual de Ontopsicologia. [www.ontopsicologia.com.br](http://www.ontopsicologia.com.br)

Esse dever se traduz no potencial de natureza que todos temos, e é necessária uma formação, porque não adianta ter um potencial e não se desenvolver. Além de formação tem que ter projetos e metas. De que adianta ter um potencial enorme e não historicizar? Para isso não podemos negar que precisamos de um estilo de vida, uma coerência entre esses quatro pontos para que esse critério<sup>5</sup> possa se formalizar e gerar uma história de valor para o indivíduo. Assim ele poderá de fato, por meio da família, da escola, da empresa, do Estado, das Instituições de ordem civil, fazer uma sociedade melhor e então seremos cidadãos protagonistas responsáveis. Mas só seremos se tivermos um cultivo e inteligência para entender tudo isso. São muitos pontos, mas temos condições de entendê-los sim.

Para isso precisamos nos desenvolver, estudar, precisamos de atenção a tantos pontos. Entendo que as pessoas que estão aqui, de fato, buscam um tipo de entendimento, de saber para fazer a própria vida melhor. Nós podemos se entendermos, e, se entendermos devemos fazer, por que devemos fazer? Porque podemos, podemos fazer, e o grau de realização, quando fazemos e podemos fazer, é muito grande. Porque de fato uma existência se faz dia a dia de modo total.

---

<sup>5</sup> MENEGHETTI, A. *O Em Si óntico*. [www.ontopsicologia.com.br](http://www.ontopsicologia.com.br)